FOMOS LÁ PARA OS SALVAR...

As tragédias marcam. Vítimas e não só. Bombeiros, médicos e militares estão do outro lado da barricada. Diminuem a dor, ouvem o sofrimento e poupam vidas. O que sentiram e registaram aqueles que trabalharam para fazer a diferença entre morrer e viver, em algumas das maiores catástrofes nacionais dos últimos 30 anos

POR **ISABEL NERY** TEXTOS **JOSÉ CARLOS CARVALHO** FOTOS

'Uma terrível coincidência'

ANA SOFIA MADEIRA, 39 anos, coordenadora do Centro de Formação do INEM Coimbra, saiu a correr para salvar as vítimas do acidente e esqueceu-se do filho nas instalações do Instituto

"**Deitámos os separadores centrais abaixo,** para socorrermos os acidentados dos dois lados da estrada. Não tinha havido um, mas sim dois acidentes, no nó de Talhadas. Dizia-se que os condutores do segundo veículo se tinham distraído a ver o primeiro sinistro e causado novo choque, mas não podia ser: as viaturas nunca chegaram a cruzar-se. Foi uma coincidência. Uma terrível coincidência.

Assim que saí da viatura de emergência, informei a equipa no terreno: «Tenho indicações para coordenar a evacuação secundária.» Até àquela altura, chefiava um médico. Mais velho, homem e militar. Ninguém me conhecia. E era mulher. Respondeu-me que já havia coordenador.

Respirei fundo e fui recolher informação sobre as vítimas. Entrei em todas as ambulâncias, verifiquei todos os carros. Voltei para dizer ao comandante que ele não tinha percebido bem a minha mensagem, mas não era altura para estarmos a discutir. Coordenei toda a evacuação.

Antes de chegar a Talhadas, recolhi informação. Um dos médicos a quem telefonei disse-me: «Não consigo descrever o que estou a ver.» Havia mortos, feridos, carbonizados. Tudo. Já tinha trabalhado em muitos acidentes, mas nenhum como este. Um emaranhado de carros, colados uns aos outros. Não se distinguiam.

Do outro lado da estrada, estava um corpo tapado por uma manta isotérmica. Levantei-a. Cobria uma criança de 7 anos – a idade do meu filho. Tive de parar uns segundos. Crianças é o pior. Uma vez, depois da morte súbita de um bebé de 18 meses, vomitei e disse a toda a gente que se era para vê-las morrer não contassem mais comigo. Com o tempo aprendi a não me ligar tanto. Até é intrusivo para as vítimas. Mas, no caso da A25, houve profissionais a precisarem de apoio psicológico.

Onze mortos e oitenta feridos num dia trágico nas estradas

Acidente A25
23 de agosto de 2010
5 mortos, **82** feridos

Lembro-me de uma pessoa que andava à procura da família. Sabia em que carro vinham, mas não conseguia encontrá-los. Só percebemos porquê algum tempo depois. O condutor tinha-se afastado para ajudar outras vítimas e a viatura foi arrastada num novo choque em cadeia, até ficar compactada contra o camião.

Ainda guardo os registos originais do acidente na A25. Tive de mudar de folha várias vezes por causa da chuva. Estivemos lá sete horas e saímos a pingar. O telemóvel até se estragou com tanta água. Cheirava-me a queimado e sentia frio, mas só me dei conta no final da evacuação. Até aí, foi como estar dentro de um filme, a executar as manobras para as quais me treinaram.

Deveria ter entrado de férias nesse dia, mas, no regresso do turno, antes do acidente, passei pelo INEM para uma pequena reunião. Não contava demorar, por isso deixei o meu filho, na altura com 11 anos, a jogar no computador do meu gabinete.

Já estava no piso de baixo quando ouvi a chamada de emergência na A25. A diretora olhou para mim e eu disse logo: «Eu vou!» Esta paixão pelo INEM entranha-se. Parecemos horríveis, porque queremos ir quando os outros querem fugir.

Só na ambulância me lembrei que tinha deixado o meu filho nas instalações. A diretora levou-o para sua casa. Não foi a única vez que os miúdos sofreram com a minha profissão. No dia do acidente com um autocarro de hemofílicos, na A1, vinha com o meu outro filho no carro e fui a acelerar, com ele coladinho ao banco. Entreguei-o a um funcionário: «Está aqui o meu filho e 20 euros. Ele ainda não tomou o pequeno-almoço.»

Na A25, evitámos todas as mortes que podemos. Vim para a emergência e escolhi Medicina Interna porque gosto de ver resultados imediatos e de saber que fiz a diferença. É sempre mau. Sem nós seria pior.

Só parei quando fomos jantar, à 1 da manhã, numa tasca de Talhadas, ainda aberta por causa do acidente. Tinham passado por lá quase todas as equipas de socorro. Ficámos ali a ver as nossas caras na televisão, que passava notícias sobre a tragédia, e – finalmente – a fumar um cigarro.

EPA/PAULO NOVAIS

REGRESSO **Ana Sofia Madeira no troço da A25 onde coordenou a evacuação dos feridos. «Sem nós teria sido pior», diz hoje**

LUSA/MANUEL MOURA

‘Tragam autotanques! As carruagens estão a arder’

AMÉRICO BORGES, 69 anos, médico e bombeiro de Canas de Senhorim, desencarcerou a única vítima ainda viva dentro do comboio

“O controlo de tráfego ainda se fazia por rede fixa. A estação de Mangualde recebeu a informação de que o Sud-Express estava com 18 minutos de atraso. Era via única. A tragédia começou com aquele telefonema.

Na verdade, o atraso vinha sendo recuperado, sem que o coordenador de tráfego atualizasse a informação ao regional que se dirigia a Coimbra.

O internacional seguia cheio de emigrantes, de regresso a França, depois do reencontro com as famílias, na Beira Alta. Ao ver as carruagens a aproximarem-se, e sabendo da ordem para o regional avançar, a guarda de linha antecipa o choque frontal. Tenta sinalizar. Os 100 quilómetros por hora a que seguia o comboio não lhe dão tempo. Era já impossível evitar o pior. Por esta altura, saía eu da consulta no Centro de Saúde de Nelas, onde era diretor e delegado de Saúde. Como comandante dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim, aproveitava o fim do dia para me sentar num cubículo da central de rádio a tratar da burocracia. Foi aí que ouvi o primeiro pedido de socorro. «Mandem ambulâncias para a estrada de Nelas-Mangualde!» Eram 18 horas e 37 minutos do famigerado 11 de setembro de 1985.

Pedi mais informações, mas não recebia nada por causa de um problema nas comunicações. Não havia telemóveis e o INEM era praticamente inexistente. Alguns minutos depois, segunda mensagem: «Tragam autotanques! As carruagens estão a arder!»

Tinha vestido umas calças de linho e calçado uns chinelos de lona, mas quando ouvi aquilo só imaginava a tragédia que significava um acidente com um comboio. Entrei em pânico, e foi nestes preparos que me meti num autotanque para prestar socorro, no acidente de Alcafache.

As carruagens pareciam archotes. Ao ver aquilo,

Acidente ferroviário de Alcafache

11 de setembro de 1985

49 mortos (número oficial); **80** estimados

o jornal

A noite das malas de cartão

MEMÓRIA **Américo Borges no local onde um Sud-Express chocou com um comboio regional. «As carruagens pareciam archotes»**

fiz um disparate: agarrei numa agulheta e mandei ligar a bomba para entrar na carruagem a arder. Mas sempre que tentava avançar sentia a mangueira a andar para trás. Fui ver o que se passava e estava um bombeiro a forçar, na direção oposta. Voltei à porta da carruagem e pus-me aos gritos com ele: «És maluco! Estás a puxar para quê?» E ele: «Maluco é o senhor, a meter-se aí! Quer morrer?» Era o que ia acontecer se ele não me tivesse puxado. Muitas vezes, para salvar, cometemos loucuras.

Estavam mais de 30 graus, as fricções provocaram faíscas. Como a linha ainda não era elétrica, os comboios andavam a gasóleo, e tudo se conjugou para provocar explosões. O metal das carruagens fundiu-se e isso acontece a 800 graus.

Já nem imaginava que pudesse haver sobreviventes quando vi um bombeiro aos gritos: «Está ali uma senhora presa!» Teria uns 50 anos. Estava completamente encarcerada entre ferros e colchões.

Rastejei até ela, palpei-lhe o pulso e disse-lhe que a ia resgatar. Levámos mais de uma hora a desencarcerá-la. Confirmei ali que a história do sexo fraco é uma anedota machista. Nós, nervosos, e ela, sempre a repetir: «Tirem-me quando puderem. Não se magoem.» Acabámos a puxá-la por uma janela. Era a única vítima ainda viva.

Ambos os maquinistas viram o que ia acontecer e ambos morreram. Só conseguimos retirá-los no segundo dia. Os números oficiais da CP falam de 49 mortos, mas terão sido cerca de oitenta. A quantidade de água usada para apagar o fogo dissolveu muitos corpos carbonizados e era impossível fazer uma contabilidade exata.

Passámos lá três dias. Três dias sem dormir. Na segunda noite, o inspetor regional dos bombeiros do Centro obrigou-me a ir para a cama. Eu obedeci. Deitei-me, mas não consegui dormir e voltei.

Chorei e, se calhar, muitos bombeiros fizeram o mesmo. Na altura, os psicólogos eram os ombros uns dos outros. Durante muito tempo, acordava à noite, a sonhar com o acidente. Só lá esteve um médico, que era eu. Quando viam corpos, os bombeiros vinham chamar-me. Acabei por tirar a maior parte dos carbonizados. Recordo-me, sobretudo, do silêncio. Não havia gritos nem histeria, apenas aquele silêncio de tragédia. Ficou uma cruz de homenagem, feita com os carris estragados. É junto desse monumento que ainda hoje se encontram, regularmente, familiares e amigos das vítimas de Alcafache. Foi há 27 anos. Mas as velas e as flores continuam a aparecer.

Acidente com avião da Martinair

21 de dezembro de 1992
55 mortos, entre **327** passageiros e **13** tripulantes

Ventos de morte

«Desejei ficar inconsciente»

‘Cheguei a casa a cheirar a fumo e a mortos’

GUALDINO RODRIGUES, 70 anos, responsável pelos bombeiros do Aeroporto Internacional de Faro, passou a ter a sua fotografia emoldurada no quarto de um bebé holandês, salvo pelos homens que comandou

Ver a morte em cima duma pessoa e salvá-la dá uma consolação que ninguém imagina. O socorro deve acontecer nos primeiros cinco a seis minutos, senão fica tudo queimado. Atuámos onde poderia haver mais sobreviventes e só depois fomos à outra metade do avião, que calculávamos ter maior número de mortos do que de vivos. Mas há sempre milagres, nestes dias...

Caía uma chuva miudinha e o vento estava muito forte quando o intercontinental DC-10 se fez aos 2 490 metros de pista algarvia, com 340 pessoas a bordo. Quase todos holandeses, a caminho de umas férias de Natal no Algarve. Ao aterrar na pista 11 do Aeroporto Internacional de Faro, bateu com a asa no chão, partiu-se ao meio e tombou.

Se a torre de controlo informa que há um acidente, perguntamos o tipo de avião e o número de passageiros. Não deu tempo para isso. O socorro avançou mesmo antes do sinal, porque vimos a asa bater. Os homens foram para os carros predeterminados, eu peguei na viatura de socorro e salvamento e segui atrás deles.

Normalmente, entrava ao serviço às 9 da manhã, mas, naquele dia, estava lá às 8, porque dispensara um bombeiro... sem poder. Na tarde anterior, veio dizer-me que a mulher ia ser operada e não dava para acompanhá-la por estar de serviço. Fiquei a pensar naquilo e, ao fim do dia, disse-lhe para ir assistir a mulher. É assim que ganhamos a dedicação das pessoas. Mas quis garantir o número de homens obrigatório e vim para o aeroporto mais cedo.

Chegar àquela hora acabou por ser importante. O pessoal sentiu-me ali e foi para os carros verificar o material. Pagam-nos para treinar e era isso que fazíamos todos os dias: preparar-nos para a catástrofe. Só não imaginávamos que ela nos esperava, naquele 21 de dezembro. Fez agora vinte anos.

O primeiro contacto com a realidade foi um horror. Havia choros, gritos, pessoas a arder. O meu corpo paralisou, como para me não deixar fugir. Mas, depois, vem-nos uma força! Perde-se o medo de morrer. Alguma coisa nos empurra para vencer. Para salvar.

LUSA / LUIS FORRA

AEROPORTO DE FARO **Ao ver o avião DC-10 bater com a asa no chão, Gualdino Rodrigues antecipou a tragédia**

Atirávamos espumífero. Corríamos para afastar as pessoas das chamas. Emocionou-me ver os meus homens a porem-se debaixo daquele pó químico para salvar seres humanos.

Quando levanto a cabeça, vejo um bombeiro espavorido, a correr, com um bebé ao colo. Estendeu os braços e disse, com os olhos muito abertos: «Olhe o que encontrei!» Tinha pouco mais de um ano e vinha todo roxinho dos fumos. Mas a respirar. Como o avião se partiu ao meio, a família ficou separada – os pais numa parte do aparelho e o filho, cuspido com o embate, na outra. Já davam o menino como morto, porque não o encontravam.

Descobrir aquele bebé no meio dos cadáveres foi como uma prenda para toda a equipa. Isso explica porque mo puseram nos braços, apesar de não ter sido eu a encontrá-lo. Gostava de conhecer essa criança, que já há de ser um homem.

Nesse dia houve risco de vida para nós. Ouvi um estrondo e senti um objeto vir contra mim. Era um pedaço de metal que voara com a explosão. Fez-me um buraco no capacete. Estava um bombeiro ao meu lado, olhámos um para o outro e demos um abraço, sem dizer nada. Custa estar a lembrar isto, agora...

Aquilo mata uma pessoa. Devia ter sido internado. Estava sempre a ver corpos, mesmo de olhos fechados. Cheguei a casa a cheirar a fumo e a mortos. Tive pesadelos, falava e gemia até a mulher me sacudir.

A memória que me persegue é a do indivíduo que ficou debaixo da asa. Olhou para mim e levantou a cabeça, como que a chamar-me. Não conseguia fazer nada sozinho, mas, à primeira oportunidade fui lá com dois ou três homens. Já estava morto. Lembro-me da cara, ainda lhe vejo os olhos. Pediu-me ajuda e eu não lha dei... O que mais custa é não podermos ajudar uma pessoa, ainda por cima quando nos pede. Fiz o melhor que podia, mas o maior peso é o de não ter conseguido salvar todos.

Só depois de retirados os sobreviventes pude tratar dos mortos. Foi o pior. Uma mulher tinha uma criança ao colo, a cara voltada para o peito dela, agarradinha à mãe. Pensei: aqui não pode haver engano na identificação. E pu-las no mesmo saco. Achei que mãe e filho mereciam continuar juntos. Depois, apareceu um engravatadinho a dizer que não podia fazer aquilo.

Várias pessoas foram levar-me flores, por causa do meu trabalho de socorro. Eu mandava-as para trás. Sentia-me mal a recebê-las. Fiz a minha parte.

Um ano depois, prepararam um beberete para me agradecer e a família do menino salvo esteve cá em casa. Tinha uma foto minha no quarto e chamava-me avô. O pai quis saber porque o filho não fora logo retirado. Olhei-o nos olhos e disse-lhe: «Nem eu nem o meu pessoal estava lá por causa do seu filho. Estávamos por todos os passageiros e todos os filhos. Para minha infelicidade, não consegui salvar mais.»

Explosão no Cartaxo

25 de janeiro de 1985
2 mortos; **17** feridos graves

‘Todo o hospital se mobilizou para os queimados’

PAULA ANTUNES, 56 anos, cirurgiã plástica da Unidade de Queimados do Hospital S. José, em Lisboa, soube da explosão na escola pela rádio. Ia a caminho de casa, mas fez inversão de marcha e voltou ao serviço

Tínhamos meia hora para organizar tudo. Na Unidade de Queimados, havia dez camas e só duas estavam vagas. Foi preciso transferir doentes. Embora fosse já de noite, deu-se alta aos que podiam sair. A principal causa de morte, nestes casos, é a infeção, e era importante evitar que as vítimas da explosão se misturassem com os outros.

Se fosse hoje, eu teria como função retirar da enfermaria os doentes que conseguissem andar. Mas isso é agora. Na altura, ainda não havia planos de catástrofe. Somos conhecidos por sermos um serviço muito unido. Confirmou-se. Nesse dia, todo o hospital se mobilizou para os Queimados.

Soube da explosão na escola do Cartaxo pela rádio quando já ia a caminho de casa. Tinha ficado um colega de serviço, sozinho, na cirurgia plástica. Lembrei-me disso e fiz imediatamente inversão de marcha. Na verdade, poucos minutos depois desta notícia, estava cá o serviço em peso: 40 médicos e 60 enfermeiros.

Eu frequentava o segundo ano da especialidade de cirurgia plástica e passara um mês na Unidade. O acidente do Cartaxo foi a minha primeira experiência com grandes queimados. Traumatizante.

Começaram a chegar por volta das 18 horas. Vinham dois em cada ambulância, conscientes, muito perturbados. Uns eram franzinos e outros uns matulões, entre os 14 e os 16 anos. A maior parte tinha a cara e as mãos queimadas, com aspeto desfigurado. Era impressionante. A professora apresentava uma área queimada maior, porque levou mais tempo a fugir da sala.

Os dois em pior estado tinham queimaduras no corpo todo... Ainda conservo a sua imagem na cabeça. Ver as queimaduras é o maior impacto. Tinha receio de não aguentar.

Pela meia-noite, começaram a chegar os pais. Foi o mais difícil. Da lista das vítimas, constavam vários Ruis, Paulos e Anas. Havia o medo de misturar processos e dar informações erradas.

A Unidade era toda azul, com janelas muito altas, num ambiente de penumbra, com os doentes a gemer. Intimidava um bocado. Reduziu a ansiedade o facto de as alterações do corpo não serem muitas, inicialmente. Nas doze horas seguintes é que a cara incha e os olhos deixam de se ver.

Alguns doentes não sabiam o que acontecera, outros queixavam-se do cheiro a gás, na aula de desenho, numa sala com tubagens para a disciplina de química. Uma das versões explicava que a explosão ocorrera quando alguém ligou um interruptor, mas também houve quem falasse de um isqueiro. Nunca se apurou exatamente a causa do desastre. E eles não falavam disso.

O que sabemos é que o ar passou de 20 para 3 mil graus. Por se terem atropelado uns aos outro, alguns tiveram dificuldade em fugir. Outros, em pânico, saíram a correr, o que atiçou mais o fogo. Só não foi pior porque era inverno e usavam mangas compridas.

As lesões foram provocadas mais pelo ar quente do que pelo fogo e as queimaduras inalatórias implicaram ligar os doentes a ventiladores, depois de induzir o coma. Toda a gente teve de passar pelo bloco operatório. Não houve intervalos nem descanso. Cancelámos as cirurgias programadas. Nas três ou quatro semanas seguintes, trabalhámos em exclusivo para salvar as vítimas do Cartaxo. Algumas ficaram connosco durante muito tempo.

Na noite do acidente fizemos pensos até de manhã. O último por volta das sete. Só depois disso voltei para casa. Mas não fui dormir. Passei o resto do dia ao telefone, a falar com amigos de amigos das vítimas, ansiosos por saber notícias.

Em número de queimados, nunca houve um acidente tão grave. A professora estava em estado crítico, devido à profundidade das queimaduras. Teve de ser operada nos EUA. Foi um caso difícil. Ironicamente, morreu quinze anos depois, assassinada pelo segundo marido.

LUSA/ACÁCIO FRANCO

UM PAÍS EM CHOQUE A unidade onde Paula Antunes trabalhava recebeu a visita do Presidente, Ramalho Eanes

ARQUIVO A CAPITAL/GESCO

Sismo na ilha Terceira, Açores
1 de janeiro de 1980
71 mortos e **400** feridos

‘Parecia uma cidade bombardeada’

ANTÓNIO VAZ ANTUNES, militar do Exército, 62 anos militar do Exército, parou depois de perder sete quilos numa semana e desmaiar

O registo diário das refeições, no regimento, dizia sempre o mesmo: «A alimentação tinha bom aspeto, agradou a quem dela se usou e era em quantidade suficiente.» Nesse dia, quando me vieram pedir o relatório, escrevi: «Apresentou-se em guia de marcha um sismo.»

A mãe natureza fez-se sentir na Terceira. Depois do almoço, fiquei a ler o *Diário Insular*, na sala de oficiais. Ao tirar os olhos do jornal, vejo o capitão ferrar as mãos no sofá. «O que é isto?» Não tive tempo para responder. Caí com a trepidação. Parecia um festival de tambores. Até pensei ter havido uma explosão no paiol.

Desci a escadaria em forma de meia-lua até à parada. Tinha-se transformado num ondulado de alcatrão. Dirijo-me à muralha e vejo tudo coberto de pó. Imaginei uma mortandade.

Mandei tocar a piquete e já planeava mentalmente como pôr a máquina militar a funcionar, quando vejo a minha mulher a correr. A Fátima nunca corre. Olhei para ela e lembrei-me dos nossos filhos, que estavam fora da muralha, a uns 400 metros do regimento. Vinha de chinelos e galgou a escada para ir buscá-los. A escola de enfermagem de Angra, onde trabalhava, ruiu.

A rede telefónica fixa não funcionava, mas tinha comigo o único rádio da ilha, um Racal TR 28, que usara nas campanhas de África. Foi com ele que conseguimos falar para São Miguel e que a Reuters deu as primeiras notícias da tragédia.

Foram 30 segundos de abalo. Pareceram séculos. Na freguesia das Doze Ribeiras, só ficaram quatro edifícios de pé: a Junta de Freguesia, o salão paroquial, uma escola e uma casa.

Embora fosse janeiro, estava tão bom tempo que, às 9 da manhã, tinha feito a cerimónia de rendição da parada com as mangas arregaçadas. Não se via uma nuvem nem se sentia a brisa no regimento.

A parada encheu-se de gente em busca de abrigo e de comida. Quando dei por mim, eram 400 pessoas à minha volta. Chegavam com grande serenidade. Muitos rezavam e choravam, mas não havia pânico.

Uns dias depois do terramoto, apareceu uma prostituta vinda de outra ilha a oferecer os seus «serviços». Deixaram-na à guarda de um casal de velhotes, e depois levaram-na ao avião. Tínhamos de evitar confusões. E uma prostituta entre centenas de acampados...

No regimento, havia cavalariças que transformámos em dormitórios. A questão era como alimentar tantos desalojados. No primeiro dia, foram corridos a ração de combate, mas, na manhã seguinte, às 7 e meia, já havia café com leite e pão com manteiga.

Na selva lisboeta, mesmo ao lado umas das outras, as pessoas não estão juntas. Nos Açores, é diferente. Contavam-se para ver se faltava alguém, porque se conheciam.

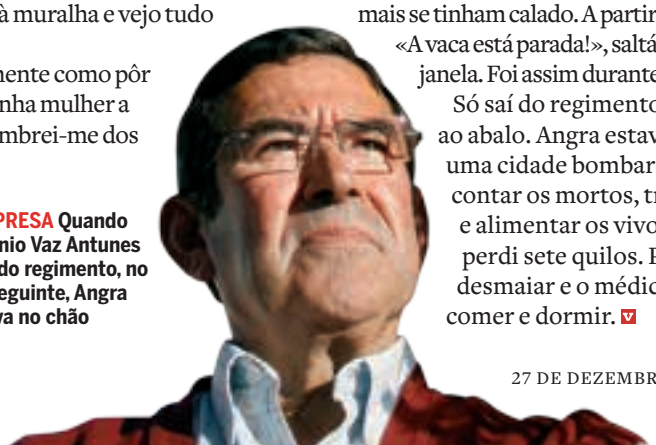
A Fátima é enfermeira e decidiu sair com a ambulância para recolher mortos. Não trouxe nenhum. As famílias não deixavam. Mesmo com as paredes no chão, arranjavam um cantinho para rezar o terço junto dos cadáveres. Ver as pessoas muito chegadas umas às outras foi o que mais me marcou. O terceirense é festivaleiro e só fica assim, paralisado, com a dor.

Morreram velhos, crianças pequenas e o sineiro. Quando se deu o terramoto, foi esmagado pelo sino.

O pior era o medo das réplicas. Até as contávamos. Chegámos à centena. Ninguém arriscava ir para casa. Dormíamos cinco numa Citröen Dyane, no meio da parada. O nosso mais velho, de 3 anos, ficava no porta-bagagens, eu descalçava-me antes de entrar no carro, como se fosse para a cama. Quando havia réplicas a Dyane abanava toda.

Um capitão dizia que, minutos antes do sismo, os animais se tinham calado. A partir daí, se alguém dizia «A vaca está parada!», saltávamos todos pela janela. Foi assim durante meses.

Só saí do regimento no dia seguinte ao abalo. Angra estava no chão. Parecia uma cidade bombardeada. Era preciso contar os mortos, tratar dos feridos e alimentar os vivos. Numa semana perdi sete quilos. Parei depois de desmaiar e o médico me mandar comer e dormir.



SURPRESA Quando António Vaz Antunes saiu do regimento, no dia seguinte, Angra estava no chão